

Edgar Alandia, o músico, o amigo

Julio Estrada

Conheço Edgar Alandia há exatamente um quarto de século, desde 1990, quando apareceu em Roma com sua presença familiar em um curso que, graças a seus esforços, ministrei na Associação Musical Astaldi. O “clique” foi imediato, e iniciamos uma amizade duradoura, somente entrecortada geograficamente. No início, por motivos tão triviais como a simples coincidência de sermos ambos latino-americanos de Europa – ele, de origem boliviana, residente na Itália, e eu, mexicano, filho de refugiados políticos espanhóis –, mesmo que nunca tivéssemos nos conhecido em nosso próprio continente; com o passar do tempo mantivemos a amizade, porque não foi indispensável para um ou para outro manter uma coincidência no terreno da estética – ele, um músico esmerado de origem acadêmica, e eu, um antiacadêmico até a alma.

Naqueles primeiros encontros, Alandia me deixou como cartão de visita suas Etiquettes para piano, que eu trouxe cuidadosamente ao México e que, anos depois, interpretou minha esposa Velia Nieto. Desde então segui sua pista por diversos festivais europeus – Alemanha ou França, por exemplo – e em particular na Itália, como na Rassegna di Nuova Musica, organizada por um grande amigo em comum, Stefano Scodanibbio, de trágica memória.

Há dois anos, voltamos a coincidir, Alandia e eu, no México, onde ele ministrou um seminário e uma conferência na Cátedra Conlon Nancarrow, atraindo a atenção de jovens criadores musicais de minha universidade, que apreciaram tanto como eu sua inteligência e sensibilidade para explicar sua obra ou para

discorrer com sensatez e tino sobre a música como um todo. Que conste aqui o recado de que Edgar deveria polir suas perceptivas ideias, colocando-as por escrito.

É difícil que, em nossos países, se chegue a apreciar um trabalho como o de Alandia, devido ao fato de que nesses locais são escassos os festivais, as rádios e mesmo os executantes interessados em abordar obras musicais recentes. Há várias décadas, fazem justiça à música de Edgar intérpretes principalmente europeus, que afrontam as dificuldades e dão sentido artístico à aspiração criativa de suas partituras.

Alandia, o acadêmico intuitivo boliviano, está longe de impor na sua produção a máscara discursiva – para alguns, obrigatória – da “identidade latino-americana”, porque sua concepção parte de alguém que escuta e pensa com o ouvido para expressar-se de maneira solitária mediante o rigor da escrita. Isso pode ser considerado, por um lado, exigência de reter vivências da fantasia e, por outro, requerimento intelectual que aspira a cifrar o fantasma.

Percebo na obra de Edgar Alandia um selo íntimo, cuja raiz inventiva se libera em busca de atmosferas de sonho, despertadas ao voo por instantes fugazes – como os *Intermezzi* para quarteto de cordas – ou permite a candidez que ilumina o explorador que encaminha a sua própria obra – escute-se em ... *sottili canti invisibili I-II* para piano, instrumento que sabemos que domina como intérprete e que incita a supor que seja o laboratório privado de suas ressonâncias borrosas, ruidosas ou estridentes. Mais tarde, Alandia implanta esses experimentos em outros instrumentos, como ocorre em ... *se me ha perdido ayer el canto de las estrellas* – título que, junto a vários outros, foi inspirado pelo desaparecido poeta boliviano Jaime Sáenz. A veia musical do compositor cria melodias cujo caráter harmonioso traz, sem espanto, o *Grito de Pablo Neruda* – “...y nosotros los muertos, los escalonados en el tiempo...” – ou nos remete ao *Pequeno Príncipe* de Saint-Exupéry, ao dialogar como grande criança solitária com os astros do firmamento – *Tu avrai delle stelle, come nessuno ha* – semente, à sua vez, de composições mais recentes, como *Thunupa*, título de uma obra para clarineta baixo, na qual insere uma rubrica poética: “en medio del profundo silencio”.

A música de Alandia está, sem dúvida, confeccionada com as novas ferramentas do velho continente, ainda que, a partir de minha escuta, distinga traços particulares que o conduzem a empregar esses hábitos, habilidades ou habitáculos de

uma maneira que não se ajusta necessariamente nem ao sistema nem à bússola com que a maioria navega, mas que cria um gozo à parte, o de perder-se em tortuosos caminhos. Alandia sabe lidar com maestria com esses caminhos que, com o risco de ser parco por não poder me aprofundar mais aqui, consigo assimilar sob a perspectiva de três vertentes principais: um interesse na solidez estrutural da simetria, uma inclinação a tecer microfiligranas temporais e uma afinidade por um universo arcano, o ensimesmamento perante a nebulosidade do vento – memória que percorrem os instrumentos andinos.

Alandia tem a natureza do músico lírico e intuitivo, mesmo quando não quer ser espontâneo para alcançar seus objetivos, porque Edgar é feito de boa fibra intelectual e do repouso próprio do homem feliz que escuta sem pressa o interior de seu universo privado. É desse último que se pode esperar que surjam novos impulsos carregados do habitual fundo poético, como talvez enfrentar à sua maneira a ópera *Perdido viajero*, libreto inédito de seu velho e venerado amigo, Jaime Sáenz, à espera de que chegue o canto que o faça soar.